

Joyce McDougall - uma apresentação

in Percurso, São Paulo, Vol.18, p.104-106, 1997.

"Para um psicanalista, publicar um livro dito de Psicanálise é também de certa forma se publicar, revelar um fragmento de si." Joyce McDougall

A melhor maneira de apresentar Joyce McDougall é convidando o leitor a visitar sua obra. Autora de 5 livros, traduzidos em mais de dez línguas, dentre as quais o japonês e o hebreu, e de inúmeros artigos, solicitada à dar conferências no mundo inteiro, até mesmo na Índia, convidada pelo Dalai-Lama interessado na importância de Freud na cultura ocidental, Joyce McDougall soube tirar partido dos conflitos nas Sociedades anglo-saxônicas e francesas, para construir uma obra pessoal ao abrigo de todo sectarismo.

O compromisso para com a sua própria verdade, torna a obra de Joyce McDougall um trabalho de referência, onde o leitor é constantemente remetido às suas próprias questões, num contínuo movimento de confrontação com seus aspectos neuróticos, psicóticos, perversos e normopatas.

Joyce McDougall nasceu em Dunedin, na Nova Zelândia para onde seu avô, um inglês chamado Carrington, emigrou após a falência da Estrada de Ferro Canadense do Pacífico. Os Carrington são provavelmente de origem francesa oriundos da Normandia. De grande talento para a pintura, Carrington tornou-se inicialmente instrutor em uma pequena escola do interior onde, além de professor, organizava e dirigia pequenos espetáculos teatrais com os alunos. Foi por ocasião de uma apresentação que ele encontra Jane Martin com quem se casa e tem 6 filhos, 5 dos quais são homens. O pai de Joyce, Harold, foi o quarto. Quando o mais novo dos filhos chega aos 18 anos, Carrington pode enfim realizar seu sonho: voltar a pintar. Em 1993, ano de seu centenário, a cidade de Dunedin presta homenagem a seu talento organizando uma importante exposição de seus quadros.

Harold é mobilizado para a guerra de 14-18 e quando, após a guerra, retorna à Nova Zelândia traz consigo Lilian uma jovem inglesa, com quem se casa e tem duas filhas; Joyce é a mais velha.

O interesse de Joyce McDougall pela psicanálise começa aos 17 anos quando lê apaixonadamente a "Psicopatologia de vida cotidiana" de Freud. A partir desse encontro decisivo, Joyce decide estudar psicologia em vez de medicina, como era o desejo da família. Ela se inscreve então na Universidade de Otago onde lê todas as obras de psicanálise ali disponíveis, ao mesmo tempo em que sente crescer o desejo de fazer uma análise pessoal e o de tornar-se analista. Foi no Clube de Teatro dessa universidade que, como atriz na peça Night must fall de Dylan Thomas, Joyce encontra seu marido, Jimmy McDougall.

Em 1950 o jovem casal parte para a Inglaterra, acompanhado pelos dois filhos Martin e Rohan. Jimmy, que trabalha na área educacional, espera encontrar emprego na Inglaterra; para Joyce é a ocasião sonhada para fazer uma análise e seguir uma formação.

Logo após sua chegada a Inglaterra, Joyce escreve aos analistas que conhecia através de seus livros, dentro os quais Anna Freud e Winnicott, para perguntar-lhes sobre as possibilidades de formação. O encontro com Winnicott, que a convida a seguir seus seminários, foi marcante tanto pela personalidade do mestre como pela criatividade e originalidade de seu pensamento. Do encontro com Anna Freud, Joyce sai vivamente impressionada. A filha de Freud a aceita para fazer formação em psicoterapia de crianças na Clínica de Hampstead; Joyce volta para casa contente com as perspectivas que se anunciam, e esquece suas luvas na casa de Anna.

Em 1953, Jimmy McDougall recebe uma oferta de trabalho irrecusável junto a Unesco em Paris, o que obriga Joyce a interromper sua análise, sua formação e a deixar seu trabalho como psicóloga no Hospital Maudsley. Sob os protestos de Anna Freud, Joyce parte para Paris levando uma carta de recomendação à Marie Bonaparte que a recebe calorosamente e a apresenta ao Instituto de Psicanálise.

Em Paris Joyce retoma sua formação e começa sua análise com Marc Schlumberger seguida mais tarde de uma segunda análise com Michel Renard. Segue os seminários de Maurice Benassy, com quem faz também supervisão, e participa grupo de terapia de adolescente sob a direção de René Diatkine. Nessa ocasião, ela começa a divulgar na França as obras de autores anglo-saxões.

Na cisão que opõe Nacht e Lacan, Joyce procura um e outro separadamente para melhor se posicionar em relação ao que está acontecendo. Dos dois encontros, Joyce sai decepcionada ao constatar o pouco de coerência dos argumentos apresentados por ambas as partes (fora as questões puramente narcísicas), e a falta de interesse pelas verdadeiras questões psicanalíticas. Tal constatação só veio a reforçar sua aversão a todo dogmatismo em psicanálise. Ao mesmo tempo que Joyce continua sua formação no Instituto, ela segue regularmente os Seminários de Lacan, o que a permite de confrontar as idéias desse último àquelas de Winnicott. (Outros autores importantes influenciaram seu pensamento: Melaine Klein, Margaret Mahler, Bion, mas sobretudo sua grande amiga de mais de 30 anos Piera Aulagnier)

Graças a seus conhecimentos de inglês recebe, encaminhado por Serge Lebovici, uma criança psicótica de origem americana. A história desse encontro - Un cas de psychose infantile (1960), e em inglês Dialogue with Sammy (1966) - foi a primeira grande publicação de Joyce McDougall. Nesse trabalho, onde lança as bases de sua obra futura, Joyce elabora sua percepção do universo psicótico reconhecendo, ao mesmo tempo, a núcleo psicótico presente em cada cura analítica. Para a autora, todos os sintomas, neuróticos, psicóticos, perversos ou psicossomáticos, são criações infantis numa tentativa de auto-cura.

A originalidade do "método McDougall" reside na constante prática de uma "teorização flutuante" indissociável de movimentos transferências e contra-transferências. Afirmando não haver diferenças nítidas entre a teoria e a clínica psicanalítica, Joyce McDougall sustenta que os casos clínicos em si nada provam, servindo apenas para ilustrar uma concepção teórica. Nesse sentido, o perigo é que as teorias se transformem em dogmas ao ponto de, na tentativa de prová-las, a escuta clínica seja comprometida.

A metáfora do Teatro como local dos conflitos psíquicos é central em sua obra. (Teatros do eu, Teatros do corpo) Nesse espaço Joyce cria seus conceitos originais tais como os de atos-sintomas, de neo-sexualidades, adicção, sexo-adicto, ou ainda termos-chaves como os de anti-analisando, normopatía e desafecção. Partindo da força criativa de Eros, o trabalho psicanalítico oferece a possibilidade de criar novos cenários mais adaptados a uma vida psíquica harmoniosa evitando a repetição de cenários infantis dominados por angústias imaginárias ou reais.

Muito solicitada internacionalmente, sobretudo entre os anglo-saxões, Joyce faz uma espécie de ponte entre a escola inglesa, americana e francesa tentando, sem nenhum sectarismo, sublinhar a riqueza e a particularidade de cada escola. Joyce McDougall é membro honorária de várias associações e instituições psicanalíticas. Sua vida pessoal também mudou: seus filhos se casaram e retornaram para a Inglaterra. Em meados da década de 50, Joyce conhece aquele que seria seu segundo marido, Sidney Stewart, um americano psicanalista e pintor residente em Paris.

O lugar de destaque que ocupa Joyce McDougall na psicanálise contemporânea é indiscutível. Fiel à sua posição de analista, seu contínuo movimento de questionamento faz com que ela forje suas próprias respostas quando não encontra as que julga adequadas.

Paulo Roberto Ceccarelli
psicólogo | psicanalista
www.ceccarelli.psc.br
a r t i g o

Ainda que se possa não concordar com todas as suas posições teórico-clínicas, não se pode negar a força de persuasão de seu trabalho clínico assim como o seu imenso talento para traduzir em palavras os sentimentos, as paixões, enfim, todos os movimentos do funcionamento psíquico.

Paulo Roberto Ceccarelli*

e-mail: pr@ceccarelli.psc.br

* Psicólogo; psicanalista; Doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade de Paris VII; Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental; Membro da "Société de Psychanalyse Freudienne", Paris, França; Professor Adjunto III no Departamento de Psicologia da PUC-MG; Conselheiro Efetivo do X Plenário do Conselho Regional de Psicologia da Quarta Região (CRP/O4).